

UM PERCURSO PELA ÁGUA

COIMBRA

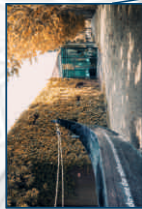
Entre os diversos recursos que a natureza disponibiliza, a água é, a todas as formas de vida, o mais essencial.

Fazendo mote deste elemento unificador – a água –, o percurso pedonal agora apresentado irá permitir a descoberta e interpretação de diversos espaços da cidade, desde o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e Parque Dr. Manuel Braga até ao Museu da Água e rio Mondego, passando pelo Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e Jardins da Quinta das Lágrimas.

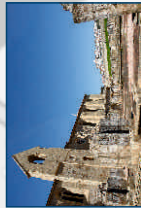
Percorra-o, a pé. Este é o nosso desafio, para melhor sentir Coimbra e viver a natureza.



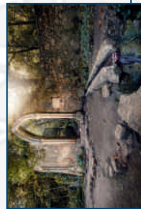
Água
Jardins históricos
Cultura
Biodiversidade



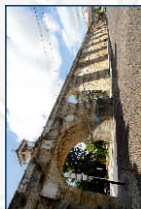
A Antiga Estação Elevatória de Água do Parque Manuel Braga, também conhecida como "Casa do Rio", acolhe hoje o **MUSEU DA ÁGUA** da cidade.



Desde a sua sacração, em 1330, que as águas do Mondego invadiram frequentemente os espaços do **MONTEIRO DE SANTA CLARA-A-VELHA**. Abandonado pela comunidade de religiosas em 1677, é visitável desde 2009.



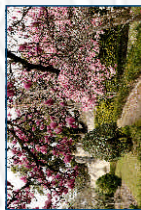
Palco dos amores de D. Pedro e D. Inês de Castro, a **QUINTA DAS LÁGRIMAS**, onde a água é vida, reúne história, botânica e mitos.



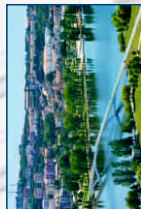
Popularmente conhecido como "Arcos do Jardim", o **AQUEDUTO DE SÃO SEBASTIÃO** foi mandado construir em 1570, pelo rei D. Sebastião, para abastecer de água a Alta da cidade.



Hoje desativado, o **RESERVATÓRIO DO JARDIM BOTÂNICO** é constituído por uma "Casa das máquinas", que dá acesso a duas câmaras simétricas, com capacidade de 3000 m³.



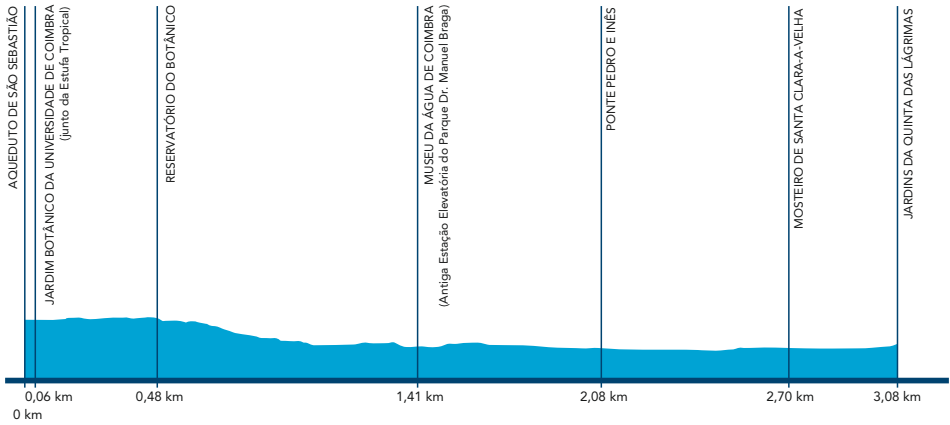
O abastecimento de água foi cuidadosamente pensado no **JARDIM BOTÂNICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA**. Ajudada pela gravidade, a água circula por diversos reservatórios, sendo transportada ao longo dos terraços até à mata.



PONTE PEDRO E INÊS

Inaugurada em 2006
Comprimento total: 274,5 metros. (Daqui avista-se a Ponte Rainha Santa Isabel, a Ponte de Santa Clara e a Ponte do Açude.)

PERCURSO PEDESTRE (linear)

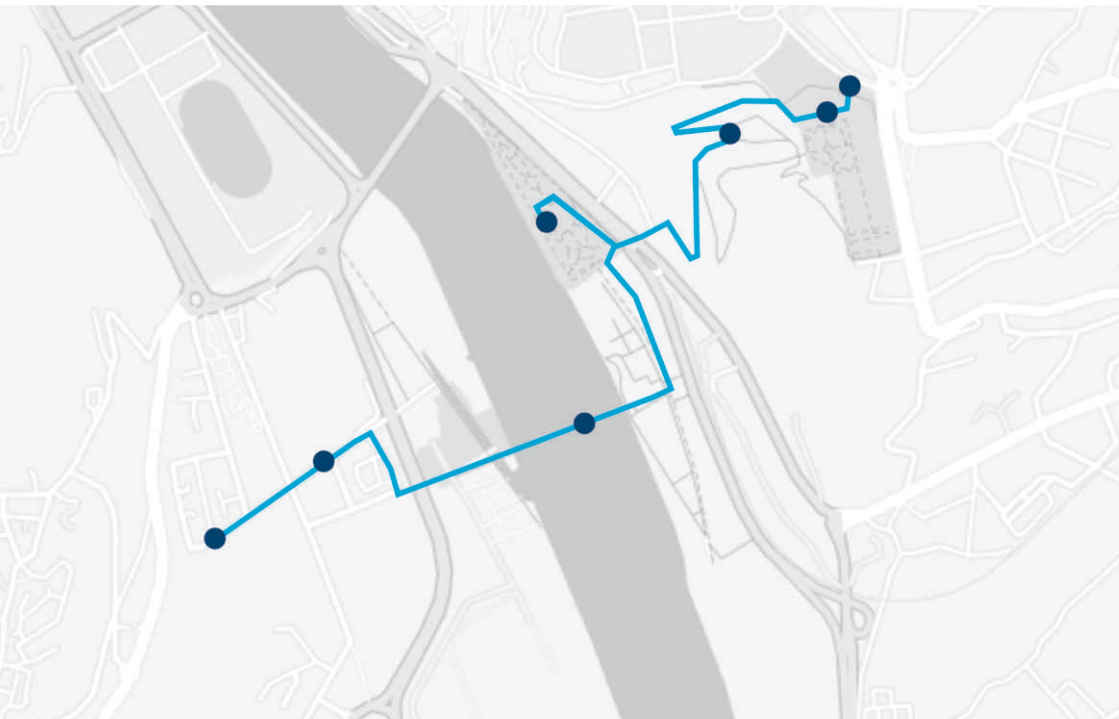


DISTÂNCIA: 3,08 km

GRAU DE DIFICULDADE:

Fácil (ponto de Partida junto ao Aqueduto de São Sebastião)

Moderado (ponto de Partida junto aos Jardins da Quinta das Lágrimas)



JARDINS HISTÓRICOS E CULTURA

AQUEDUTO DE SÃO SEBASTIÃO

Popularmente conhecido como “Arcos do Jardim”, o **AQUEDUTO DE SÃO SEBASTIÃO** foi mandado construir em 1570, pelo rei D. Sebastião, para abastecer de água a Alta da cidade, aproveitando o traçado de um precedente aqueduto romano.

Anteriormente, o fornecimento domiciliário era feito por aguadeiras, mulheres que carregavam cântaros com água, que distribuíam por diversas zonas da urbe.

O desenho desta imponente estrutura, que se estende ao longo de um quilómetro, é atribuído ao engenheiro italiano Felipe Terzi. Constituído por 21 arcos, o primeiro – chamado de “arco de honra” – é diferente dos restantes, sendo que nele encontramos duas esculturas: uma de São Sebastião e outra de São Roque.

JARDIM BOTÂNICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O abastecimento de água foi cuidadosamente pensado no **JARDIM BOTÂNICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA**, onde é essencial à sua manutenção. Ajudada pela gravidade, a água circula por diversos reservatórios, sendo transportada ao longo dos terraços até à mata.

Em 1772, foi consignada a criação do Jardim Botânico, pelo Marquês de Pombal, no âmbito das reformas pombalinas. A escolha do local para a sua instalação não foi fruto do acaso. Para além da proximidade à Universidade, e da dimensão necessária para as plantações, também a água foi relevante fator de ponderação.

A captação de água para o Jardim sempre foi uma preocupação dos que dirigiram e trabalharam neste espaço. Avelar Brotero idealizou a sua distribuição, aproveitando os desníveis naturais do terreno. Mais tarde, seriam construídos diversos reservatórios que, ainda hoje, permitem a rega.

Mas quais serão, afinal, os caminhos que a água percorre no Jardim?

A viagem começa a mais de um quilómetro, perto de Celas, numa mina que se encontra no subsolo. A partir dessa nascente, a água escorre, por túneis, colina abaixo, até chegar ao Jardim.

O primeiro reservatório surge logo na entrada principal do Jardim, onde, através de um tanque subterrâneo, as águas se separam por dois caminhos. Ajudadas pela gravidade, correm para reservatórios situados nos patamares inferiores, sendo transportadas ao longo dos terraços até à mata.

RESERVATÓRIO DO BOTÂNICO

Hoje desativado, o **RESERVATÓRIO DO JARDIM BOTÂNICO** é um importante exemplar do património industrial. Localizado a uma cota de 50 metros, é constituído por uma “casa das máquinas”, que dá acesso a duas câmaras simétricas, com capacidade de 3000 m³.

Foi em 1889 que a água passou a ser captada no Mondego, e elevada, a partir da estação da Rua da Alegria, para os reservatórios do Jardim Botânico (inativo) e da Cumeada. Ao invés do que se verificou noutras cidades, o serviço de abastecimento de água foi, desde o início, assegurado pela Câmara Municipal de Coimbra, tendo esta sido pioneira na municipalização dos serviços, não só do fornecimento de água, como também do gás e da tração elétrica.

MUSEU DA ÁGUA

A Antiga Estação Elevatória de Água do Parque Manuel Braga, que acolhe hoje o MUSEU DA ÁGUA da cidade, funcionou desde 1922 até à década de oitenta do século XX, junto da Estação de Captação da Água de Coimbra.

O sistema de captação foi sendo aperfeiçoado, à medida que a rede e o consumo de água se foram ampliando. Inicialmente, a água era obtida através de dois poços de captação, mais tarde, já por seis. Também conhecida como "Casa do Rio", esta estação elevatória – por vezes identificada como casa das máquinas – constitui o "coração" de todo o sistema.

O protocolo estabelecido entre a Sociedade CoimbraPolis e a Câmara Municipal de Coimbra permitiu recuperar, dinamizar e devolver à cidade o antigo edifício, agora Museu da Água.

RIO MONDEGO

O RIO MONDEGO é um dos mais importantes de Portugal, e o maior nascido em território nacional. Começa por um fio de água doce, no alto da serra da Estrela, a 1425 metros de altitude. Tão pequenino, que os portugueses o batizaram, carinhosamente, de Mondeguinho. Mas depressa cresce para, ao longo do seu trajeto, atravessar os três distritos da Guarda, Viseu e Coimbra, antes de desaguar, com sabor a sal, na Figueira da Foz.

PONTE DE SANTA CLARA

A PONTE DE SANTA CLARA foi inaugurada em 1954 e tem 214 metros de comprimento. Esta ponte em betão armado, de tabuleiro plano, é uma das principais entradas na cidade de Coimbra, servindo diretamente o Largo da Portagem.

PONTE RAINHA SANTA ISABEL

A PONTE RAINHA SANTA ISABEL foi inaugurada em 2004 e tem 329,4 metros de comprimento. Projetada pelo engenheiro António Reis, constitui o cesso mais rápido da margem esquerda do Rio à zona do Vale das Flores e ao Polo II da Universidade de Coimbra.

PONTE PEDRO E INÊS

A PONTE PEDRO E INÊS foi inaugurada em 2006 e tem 274,5 metros de comprimento.

Foi projetada pelos engenheiros Adão da Fonseca e Cecil Balmond e foi construída no âmbito do Programa Polis, para ligar as margens direita e esquerda do Rio Mondego.

MONTEIRO DE SANTA CLARA-A-VELHA

Desde a sua sagração, em 1330, que as águas do Mondego invadiam frequentemente os espaços do MONTEIRO DE SANTA-CLARA-A-VELHA. Abandonado pela comunidade de religiosas em 1677, é visitável desde 2009.

Mandado construir em 1314 por D. Isabel de Aragão, ficou concluído em 1330. Edificado muito próximo do rio, logo no ano seguinte, prenunciador, a Igreja seria atingida por uma cheia.

As águas invadiam frequentemente o espaço, tornando difícil a convivência. Por essa razão, em 1677, a comunidade abandona o espaço e vai ocupar o Monte da Esperança, fora do alcance do Mondego.

A parte inferior do antigo convento permaneceu submersa até 1995, quando tiveram início as obras de requalificação. Voltou a abrir ao público em 2009.

A água que abastecia o Monteiro provinha de duas nascentes, situadas na então Quinta do Pombal, hoje Quinta das Lágrimas. Conduzida através de um aqueduto, cujo cano ficou conhecido como "Cano dos Amores", desembocava na antiga cerca e alimentava as fontes do Claustro e o Paço da Rainha.

A visita ao Monteiro de Santa Clara-a-Velha pode ser realizada mediante a aquisição de bilhete a adquirir no local.

QUINTA DAS LÁGRIMAS

Palco dos amores de D. Pedro e D. Inês de Castro, a QUINTA DAS LÁGRIMAS, onde a água é vida, reúne história, botânica e mitos.

Nos Jardins da Quinta das Lágrimas, acumulam-se memórias desde o sec. XIV, tanto nos elementos construídos como nas suas árvores, nas suas lendas populares e na sua verdadeira história. O documento mais antigo onde a Quinta é referida data de 1326, ano em que a Rainha Santa Isabel mandou fazer um canal para levar a água de duas nascentes para o Convento de Santa Clara. Ao sítio de onde saía a água chamou-se "Fonte dos Amores", por ter presenciado a paixão de D. Pedro, neto da Rainha Santa, por Inês de Castro. A outra fonte da Quinta foi batizada por Camões de "Fonte das Lágrimas", por ter nascido das lágrimas que Inês chorou ao ser assassinada. O sangue de Inês terá ficado preso às rochas do leito, ainda vermelhas depois de 650 anos... "Lágrimas são água e o nome amores", escreveu Camões nos "Lusíadas".

A visita aos Jardins da Quinta das Lágrimas pode ser realizada mediante a aquisição de bilhete a adquirir no local.

UM PERCURSO PELA ÁGUA disponibiliza, também, um conjunto de informações sobre a biodiversidade existente, ao nível da flora, da fauna e habitats essenciais para a sustentabilidade ambiental.

Um contributo do MARE - Centro de Ciências do Mar e do Ambiente -, centro de investigação científica com competências para abordar todos os ecossistemas aquáticos (bacias hidrográficas, estuários, ecossistemas marinhos costeiros e oceânicos), com sete polos distribuídos por Portugal continental e Ilha da Madeira.

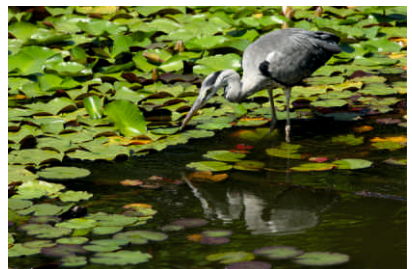
JARDIM BOTÂNICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A **Rã-verde ou Rã-comum** (*Rana perezi*) é um anfíbio abundante e fácil de observar em Portugal. Encontra-se em charcos, paúis, lameiros, tanques, margens de ribeiros e alimenta-se de pequenos invertebrados tal como insetos, caracóis e anelídeos. É ativa tanto de dia como de noite, e reproduz-se sobretudo durante a primavera, colocando milhares de ovos em cada postura. Passa por metamorfoses, transformando-se gradualmente de girino em adulto, que normalmente não ultrapassa os 7-8 cm de comprimento. Possui olhos salientes, próximos entre si, com pupila horizontal. Tem quatro dedos nas extremidades anteriores e cinco nas posteriores. Os membros posteriores são compridos e com membrana interdigital bem desenvolvida. A coloração dorsal é esverdeada ou com manchas escuras de disposição irregular. Tem duas pregas glandulares muito marcadas dorso-lateralmente e o ventre é esbranquiçado com manchas cinzentas. No Jardim Botânico encontram-na no lago junto ao Baixo Relevo de Luís Carrisso.



© Luis Fernández García (Creative Commons Attribution-Share Alike 3.0 Unported license)

A **Garça-real** (*Ardea cinerea*) é a garça mais abundante e difundida da Europa e ocorre em Portugal todo o ano, estando associada a todos os tipos de zonas húmidas. Nidifica no Alentejo mas também isoladamente noutros pontos do país, reproduzindo-se de fevereiro a julho. É a maior das garças existentes em Portugal, com cerca de 1 m de comprimento. É cinzenta com um longo pescoço, que se encontra recolhido quando voa, o que a distingue das cegonhas. Tem também uma faixa superciliar negra que se estende até as longas penas nucais (penacho). Pode viver 25 anos e atinge a maturidade aos 2 anos. Os juvenis são mais claros e não possuem penas nucais. As principais ameaças a esta espécie são a destruição do habitat e a perseguição humana. Alimenta-se principalmente de peixes, mas também de anfíbios,



© Laitche (Creative Commons Attribution-Share Alike 3.0 Unported license)

répteis, pequenos mamíferos, insetos ou moluscos terrestres e aquáticos. Ao final da tarde ou de manhã cedo tenta pescar os peixes do lago do Quadrado Central do Jardim Botânico.

○ **Peixe-dourado ou Peixe-vermelho** (*Carassius auratus*) é uma espécie de água doce da família Cyprinidae (família das carpas) nativa da Ásia oriental e foi o primeiro peixe a ser criado com fins decorativos na China, há mais de mil anos, a partir da seleção de algumas variedades naturais, tornando-se popular em lagos de jardins. Foi introduzido no século XVII em Portugal numa altura em que simbolizava boa sorte e fortuna. Tem a capacidade de distinguir as cores vermelho, verde, azul e ultravioleta. Para se reproduzir colocam ovos em camadas que aderem à vegetação aquática, eclodindo em 48 a 72 horas. Tem uma alimentação omnívora, comendo insetos, algas, ou ovos de outras espécies. Quando mantidos em aquários pode ter até 5 cm de comprimento, e em lagos 5-10 cm. No entanto, se introduzido em meio natural, pode atingir dimensões muito maiores (30-50 cm) comportando-se como uma espécie invasora, destruindo o habitat de outros peixes. No Jardim Botânico encontra-se no lago do Quadrado Central.



© James St. John (Creative Commons Attribution 2.0 Generic license)

○ **Saca-rabos ou Mangusto** (*Herpestes ichneumon*) é um mamífero introduzido no nosso país, há muitos séculos, pelos árabes que o usavam como animal exterminador de ratos e cobras (é resistente ao veneno das serpentes). Os egípcios estimavam-nos por comerem ovos de crocodilo. Atualmente encontra-se espalhado por toda a Europa, Ásia e África. Tem uma altura de aproximadamente 20 cm, pesa 2-3 Kg, e tem um comprimento total de cerca de 90 cm, podendo a cauda chegar aos 50 cm. O focinho é pontiagudo, as patas curtas e a cauda vai-se afunilando até à sua extremidade onde se encontra um “pincel” de pelos mais escuros. As suas orelhas são curtas e arredondadas. Os seus olhos têm de âmbar têm uma pupila horizontal, caso quase único entre mamíferos o que revela hábitos diurnos. Apesar disso, não é muito visível, por ser muito esquivo. Já foram observados alguns indivíduos na Mata do Jardim Botânico.



© Artemy Voikhansky (Creative Commons Attribution-Share Alike 4.0 International license)

A **Salamandra-de-pintas-amarelas ou Salamandra-de-fogo** (*Salamandra salamandra*) pode ser observada de norte a sul do país. Tem cauda e patas pequenas que servem para caminhar e não para saltar e olhos relativamente proeminentes localizados em posição lateral. A sua pele possui uma substância tóxica, a samandrina, para se proteger dos predadores, que é segregada por uma glândula localizada na zona do pescoço e dorso. Nos dias chuvosos de Outono as salamandras saem dos seus esconderijos para procurar parceiros e reproduzir-se. O acasalamento



© Reinhold Möller (Creative Commons Attribution-Share Alike 4.0 International license)

ocorre em ambientes terrestres. As fêmeas dão à luz girinos ou pequenas salamandras já formadas (uma adaptação à falta de água). Na antiguidade acreditava-se que as salamandras nasciam das chamas, porque elas escondiam-se na lenha e, ao sentirem a temperatura das fogueiras a aumentar, fugiam, surgindo das chamas. As salamandras podem medir cerca de 15-20 cm e viver até aos 20 anos. As suas principais ameaças são a destruição de habitat e a introdução de espécies exóticas. Assim como os restantes anfíbios, podemos encontrá-las em zonas húmidas, pequenos riachos ou charcos.

O **Tritão-de-ventre-laranja** (*Lissotriton boscai*) é um anfíbio caudado relativamente comum, distribuído de norte a sul de Portugal Continental, e oeste da Península Ibérica. Mede normalmente entre 6,5 e 9 cm. A época de reprodução, acontece entre novembro e junho. Neste período do ano, os machos adquirem também um ventre muito mais laranja, quase fluorescente, que contrasta com o dorso castanho. Quando se sentem ameaçados, é costume virarem-se ao contrário e exibirem o ventre laranja. Esta espécie está ameaçada por perda de habitat.



© Mauricio Rivera Correa (Creative Commons Attribution-Share Alike 2.5 Generic license)

O **Tritão-marmoreado ou Tritão-verde** (*Triturus marmoratus*) é uma espécie de anfíbio caudado pertencente à família Salamandridae. Existe no sudoeste de França, centro de Espanha e em Portugal a norte do Tejo. Tem a cabeça achatada e focinho arredondado. De cor castanho-escuro ou preta, apresenta manchas verdes de forma irregular. Os machos adultos têm uma risca branca ou bege na cauda e apresentam uma crista dorsal durante a época de reprodução. As fêmeas costumam ter em média 11 até 16 cm de comprimento enquanto os machos são ligeiramente mais pequenos. Durante a época de reprodução, de janeiro a maio, encontram-se em charcos, valas, tanques, poços e outros locais com pouca corrente.



© Siga (Creative Commons Attribution-Share Alike 3.0 Unported, 2.5 Generic, 2.0 Generic and 1.0 Generic license)

(ZONA RIBEIRINHA) MUSEU DA ÁGUA, PARQUE DR. MANUEL BRAGA, RIO MONDEGO, PONTE PEDRO E INÊS, PARQUE VERDE DO MONDEGO

O **Amieiro** (*Alnus glutinosa*) é uma árvore de folha caduca com uma altura de até 25 metros, com copa ampla e arredondada. As folhas são arredondadas, com as margens ligeiramente onduladas e com um pequeno entalhe na extremidade da nervura central. Encontra-se distribuído principalmente no centro e norte de Portugal Continental, sendo presença frequente junto às linhas de água pela sua tolerância à inundação, contribuindo aí para a sustentação das margens. Há duas curiosidades acerca desta espécie que vale a pena mencionar: a primeira é que estabelece ao nível das raízes uma relação benéfica



© Ponor (Creative Commons Attribution-Share Alike 4.0 International license)

com bactérias que fixam azoto atmosférico, o que lhe confere vantagem em solos pobres em nutrientes, e a segunda é a sua vulnerabilidade a um microrganismo patogénico que tem potencial para causar mortalidade de amieiros a larga escala (o que já se verifica em alguns países europeus). No Parque Verde do Mondego podemos ver amieiros de pequeno porte ao longo do rio, e alguns de maior porte na extremidade mais a montante do Parque. Cientistas da Universidade de Coimbra recolhem com frequências as folhas caídas no outono para usar em experiências nos ribeiros já que estas são um alimento de excelente qualidade para muitas larvas de insetos aquáticos.

O **Choupo negro** (*Populus nigra*) é uma árvore de folha caduca, de porte esguio e que pode atingir os 30 metros de altura. As folhas são triangulares e adquirem a cor amarelo brilhante no outono. Na primavera liberta grandes quantidades de sementes que ostentam uma penugem branca. Encontra-se distribuído por todo o país, especialmente junto às linhas de água. No Parque Verde do Mondego podemos encontrar um bonito agrupamento de choupo negro na margem esquerda.



© Christian Fischer (Creative Commons Attribution-Share Alike 3.0 Unported license)

O **Choupo branco** (*Populus alba*) é uma árvore de folha caduca, de copa arredondada e que pode atingir os 30 metros de altura. As folhas têm 5 lóbulos desiguais, são de cor verde escura brilhante na margem superior e branca na margem inferior. Encontra-se distribuído por todo o país, especialmente junto às linhas de água. No Parque Verde do Mondego podemos encontrar choupos brancos dispersos pela margem direita do rio.



© Josep Gesti (Creative Commons Attribution-Share Alike 4.0 International license)

O **Freixo** (*Fraxinus angustifolia*) é uma árvore de folha caduca com uma altura geralmente entre 10 e 15 metros, alcançando por vezes os 20 ou 30 metros, e tem uma densa copa colunar. As folhas são compostas por folíolos estreitos, com margens dentadas e em número ímpar, geralmente 3 a 13. O fruto, em forma de língua, amadurece no final do verão. Encontra-se distribuído por todo o país, sendo presença frequente nas margens das linhas de água, preferencialmente nas zonas mais quentes. No Parque Verde do Mondego podemos encontrá-lo disperso pela margem direita e é especialmente belo no outono quando a folhagem começa a adquirir tons amarelados antes de cair.



© Assianir (Creative Commons Attribution-Share Alike 3.0 Unported license)

O **Salgueiro branco** (*Salix alba*) é uma árvore de folha caduca, de copa arredondada e que pode atingir os 20 metros de altura. As folhas são lineares e finas, verdes na margem superior e esbranquiçadas na inferior. Encontra-se distribuído principalmente no litoral da zona centro, especialmente junto às linhas de água. No Parque Verde do Mondego podemos encontrar choupos brancos isolados ou em agrupamentos na margem direita do rio.



© Josep Gesti (Creative Commons Attribution-Share Alike 4.0 International license)

A **Latifólia, Tabúa ou Foguete** (*Typha latifolia*) é uma planta aquática capaz de colonizar grandes áreas em ambientes de águas paradas ou com velocidade de corrente baixa. Tem folhas longas e lineares e são mais fáceis de reconhecer no verão, durante o período de floração, quando projeta as hastes nas extremidades das quais se desenvolve uma densa inflorescência de flores femininas de cor castanho-escuro com até 30 cm de comprimento, encimada por uma espiga de flores masculinas, que dá a todo o conjunto o aspecto de um foguete. Distribui-se por todo o país, e podemos encontrá-la no rio Mondego, junto às docas e aos pontões.



© David J. Stang (Creative Commons Attribution-Share Alike 4.0 International license)

A **Elódea-africana** (*Lagarosiphon major*) é uma planta aquática submersa que é invasora em Portugal. Forma extensos 'tapetes' como o que se pode encontrar no canal de rega do Choupalinho, na margem esquerda do rio Mondego. São também visíveis 'tufos' com dimensão considerável perto da superfície da água a jusante da Ponte Pedro e Inês.



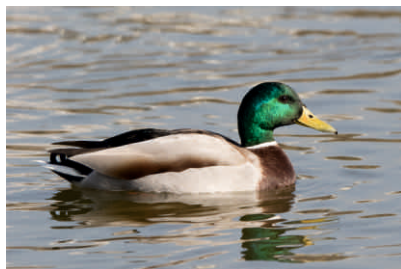
© Invasoras.pt

O **Guarda-rios-comum ou Guarda-rios-Europeu** (*Alcedo atthis*) encontra-se distribuído por toda a Eurásia e Norte de África. É uma ave pequena (cerca de 16 cm de comprimento e 34-45 gramas), de cor azul vivo, com as partes inferiores e as faces alaranjadas, e a garganta branca, tem um pescoço curto, e uma cabeça relativamente grande em relação ao corpo, e um bico longo e robusto. Alimenta-se essencialmente à base de peixe, mergulhando rapidamente para os pescar, mas pode comer também insetos, anfíbios e crustáceos. É bastante territorial, vivendo quase a vida inteira de forma solitária, formando pares apenas na época de reprodução. Pode viver cerca de 20 anos Apesar de não estar ameaçado de extinção, o guarda-rios sofre devido à poluição e destruição do seu habitat. Encontramo-lo na vegetação das margens do Mondego.



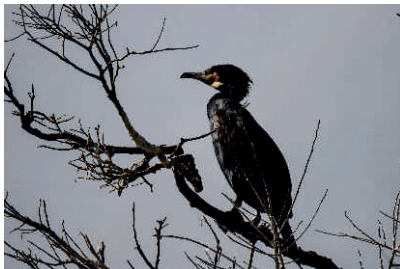
© Laitche (Creative Commons Attribution-Share Alike 4.0 International license)

O **Pato-real** (*Anas platyrhynchos*) é uma ave que habita áreas temperadas e sub-tropicais da América do Norte, Europa e Ásia. Tem cerca de 50-65 cm de comprimento. Os machos têm a cabeça verde e um anel branco no pescoço e asas, e as fêmeas possuem sobretudo plumagem de cor acastanhada. Vive em zonas húmidas e é omnívoro, alimentando-se de plantas aquáticas, pequenos animais, sementes e até do lagostim-vermelho. Por serem animais sociais, unem-se em bandos de tamanho variável. A sua época de reprodução está compreendida entre março e julho, sendo a postura normalmente composta por 9 a 13 ovos. A incubação dura 27 ou 28 dias. É muito comum em lagos urbanos. Encontramo-lo frequentemente a caminhar pelo parque ou a nadar nas águas do rio Mondego.



© Nrik kiran (Creative Commons Attribution-Share Alike 4.0 International license)

O **Corvo-marinho-de-faces-brancas** (*Phalacrocorax carbo*) tem uma ampla distribuição no Mundo. Habita principalmente zonas costeiras, mas também pode ser encontrado em rios e lagos interiores, áreas pantanosas e barragens. Tem aproximadamente 90 cm de comprimento e 150 cm de envergadura. A sua plumagem é preta com brilho esverdeado no dorso, asas e parte posterior do pescoço, e branca na zona da face, garganta, peito e ventre. O pescoço é longo e o bico é ligeiramente encurvado na ponta. Na época de reprodução, os adultos adquirem uma mancha branca na parte exterior das coxas. Constrói ninhos em árvores perto de água, penhascos ou diretamente no solo. É uma ave solitária, mas pode ser encontrada em grandes bandos em zonas ricas em alimento. Alimenta-se principalmente de peixes que pesca em mergulho, mas também de anfíbios, crustáceos e moluscos. Encontramo-lo a mergulhar nas águas do rio Mondego, no Parque Verde, ou pousado com as asas abertas a secarem ao sol.

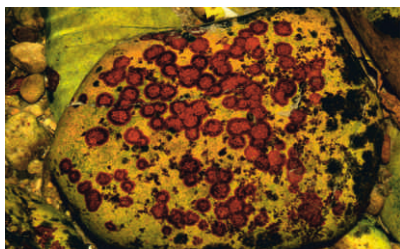


© Krishna Prajapati (Creative Commons Attribution-Share Alike 4.0 International license)

A **Garça-real** (*Ardea cinerea*) - ver acima

JARDINS DA QUINTA DAS LÁGRIMAS

A **Alga vermelha** (*Hildenbrandia rivularis*) cresce aderida como uma crosta a rochas submersas em locais ensombrados, de águas limpas e corrente fraca. Na Fonte dos Amores dá a cor vermelha às rochas, que a lenda conta ser o sangue de Dona Inês de Casto.



© David Perez (Creative Commons Attribution 3.0 Unported license)

O **Sapo-comum** (*Bufo spinosus*) está amplamente distribuído por toda a Europa e é o maior anfíbio sem cauda da fauna portuguesa. Os machos raramente ultrapassam os 10 cm, enquanto as fêmeas podem atingir mais de 20 cm de comprimento. Têm um corpo robusto com uma pele verde acastanhada rugosa, uma cabeça larga e curta e patas, especialmente as anteriores, também curtas e fortes, com os dedos parcialmente cobertos por uma membrana interdigital. Os seus olhos são proeminentes, avermelhados e com pupila horizontal. Para se defenderem dos predadores, segrega uma substância tóxica, de sabor desagradável. As fêmeas depositam os ovos em longos fios na água, durante a Primavera. Alimentam-se de invertebrados como insetos, aranhas, lesmas e minhocas, que caçam com as suas línguas pegajosas. Caçam geralmente à noite e são mais activos em dias húmidos. Podem ser encontrados junto à Fonte dos Amores e ao tanque.



© Laurent Lebois (Creative Commons Attribution 2.0 Generic license)

O **Tritão verde-laranja** (*Triturus boscai*), a Salamandra-de-pintas-amarelas (*Salamandra salamandra*) e Rã-verde (*Rana perezi*), também habitam este espaço à semelhança do que acontece no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra.



© Manuel Santos Sanches (Creative Commons Attribution-Share Alike 2.5 Spain license)

MOSTEIRO DE SANTA CLARA-A-VELHA

Os **Líquenes** são organismos que resultam da associação entre algas e fungos e que podem apresentar cores variadas (cinzento, amarelo, cor-de-laranja, verde, preto). São organismos pioneiros e por isso podem estabelecer-se sobre rocha ou fachadas de edifícios, onde apresentam um aspeto coriáceo. Enquanto na natureza contribuem para a degradação das rochas e formação de solo, nas estruturas construídas são um importante agente de degradação.



© Kyla Duhamel (Creative Commons Attribution 2.0 Generic license)

UMA FOLHA PARA OS SEUS REGISTOS



ESTE PROJETO FOI REALIZADO POR:

Instituições parceiras



